

Efeito dos probióticos sobre a infecção cervical pelo HPV



Dra. Adriana Bittencourt Campaner
Médica Ginecologista e Obstetra



A infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é a principal causa relacionada ao desenvolvimento do câncer do colo do útero, responsável por cerca de 350.000 mortes e 660.000 novos casos anuais no mundo. Embora a maioria das infecções regrida espontaneamente, a persistência deste vírus, especialmente dos tipos de alto risco (HR-HPV), está associada à progressão da infecção viral para as neoplasias intraepiteliais cervicais (NIC).

Estudos recentes têm apontado a disbiose vaginal — redução dos *Lactobacillus* e aumento da diversidade bacteriana, principalmente

anaeróbios — como fator que favorece a persistência viral. A presença dominante de *Lactobacillus* é típica da microbiota vaginal saudável e exerce funções protetoras, incluindo modulação imune, produção de ácido lático e bacteriocinas, bem como a manutenção do pH vaginal. Com base nesses achados, o uso de probióticos contendo *Lactobacillus* tem sido proposto como terapia adjuvante para casos de infecção pelo HPV, seja por via oral (via eixo intestino-vagina) ou intravaginal (ação direta sobre o epitélio cervical). O quadro 1 detalha as possíveis ações dos probióticos sobre a saúde vaginal.

Quadro 1 - Possíveis ações dos probióticos sobre a saúde vaginal.

Relacionada à capacidade desses micro-organismos sobreviverem pelo trato gastrointestinal → colonizar região perineal após sua excreção pelo reto → ascender ao trato vaginal e urinário
Competição por nutrientes e sítios de adesão
Produção de fatores antimicrobianos, H ₂ O ₂ e biosurfactantes
Manutenção de um pH ≤ vaginal 4,5
↓ Capacidade de adesão de uma ampla gama de patógenos
Função barreira
Coagregação a alguns patógenos → bloqueio adesão
Modulação do sistema imunológico local

Fonte: próprio da autora.

Dessa maneira, o estudo desenvolvido por Susetiati *et al.* buscou avaliar, por meio de revisão sistemática e metanálise, a eficácia dessas terapias na eliminação viral do HPV e na resolução de lesões cervicais de baixo grau (ASC-US/LSIL). Dos 514 artigos inicialmente identificados, sete preencheram os critérios de inclusão e foram analisados qualitativamente, sendo cinco incluídos na metanálise (total de 712 participantes). Foram avaliados o tipo de cepa, via de administração (oral ou vaginal), dose, tempo de uso e taxa de negativação viral e/ou regressão citológica.

Em relação às características gerais dos estudos: estes incluíram mulheres com lesões ASC-US/LSIL e infecção por HPV de alto ou baixo risco; as espécies de *Lactobacillus* mais utilizadas foram *L. crispatus* M247, *L. casei* Shirota, *L. rhamnosus* GR-1, *L. reuteri* RC-14 e *L. rhamnosus* BMX54; a duração mínima do tratamento: 3 a 12 meses; administração oral de probióticos em 4 estudos e vaginal em 3.

Entre as 326 participantes avaliadas para resolução das lesões cervicais, a terapia com *Lactobacillus* aumentou significativamente a taxa de regressão citológica (RR = 1,93; p < 0,00001). Uma análise de subgrupos também foi conduzida para observar o efeito da via de administração na resolução das lesões. No grupo de administração oral (três estudos; 193 participantes: 96 no grupo de intervenção e 97 no grupo controle), não houve diferença significativa entre os dois grupos (RR = 1,51, p = 0,07). Em contraste, o grupo de administração vaginal, que consistiu em 133 pacientes (67 no grupo experimental e

66 no grupo controle), mostrou diferença significativa na resolução das lesões após a avaliação de 6 meses (RR=2,21, p<0,00001).

Da mesma forma, entre as 262 participantes avaliadas para eliminação viral, o tratamento mostrou efeito estatisticamente significativo (risco relativo = 1,39, p = 0,05). Na subanálise em relação à via de administração, embora nenhuma via tenha atingido significância estatística isoladamente para a eliminação viral, houve tendência positiva com a via vaginal.

Observou-se assim que o uso de *Lactobacillus* como terapia adjuvante em mulheres com infecção cervical por HPV e lesões de baixo grau (ASC-US/LSIL) demonstrou eficácia significativa na regressão citológica após pelo menos 6 meses de tratamento, sobretudo por via vaginal; tendência favorável à eliminação viral, embora sem significância robusta; a via vaginal pareceu oferecer maior impacto local e resposta mais rápida, enquanto a via oral atua de forma sistêmica e menos direta.

Os autores concluem que o tratamento com probióticos à base de *Lactobacillus* poderia ser considerado uma estratégia não invasiva e segura capaz de melhorar a resposta imune local e auxiliar na eliminação viral e cicatrização epitelial. Entretanto, destacam a necessidade de ensaios clínicos randomizados maiores e padronizados, com definição de cepas, doses e duração ideais, para confirmar o papel dos probióticos na terapêutica do HPV.

Referência

Susetiati DA, Pudjiati SR, Wirohadidjojo YW, Chandra LA. Effectiveness of *Lactobacillus* therapy in women with cervical human papillomavirus infection: A systematic review and meta-analysis. J Int Med Res. 2025;53(8):1–19.

Dra. Adriana Bittencourt Campaner

Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
Médica Chefe Do Setor de Patologia do Trato Genital Inferior e Colposcopia da Santa Casa de São Paulo
Médica consultora Dasa

Conte com o NAM - Núcleo de Assessoria Médica, para obter informações e tirar dúvidas:

☎ 4020-2446 (atendimento nacional)
✉ nam.apoiomedico@dasa.com.br



Publicado em 16/12/2025